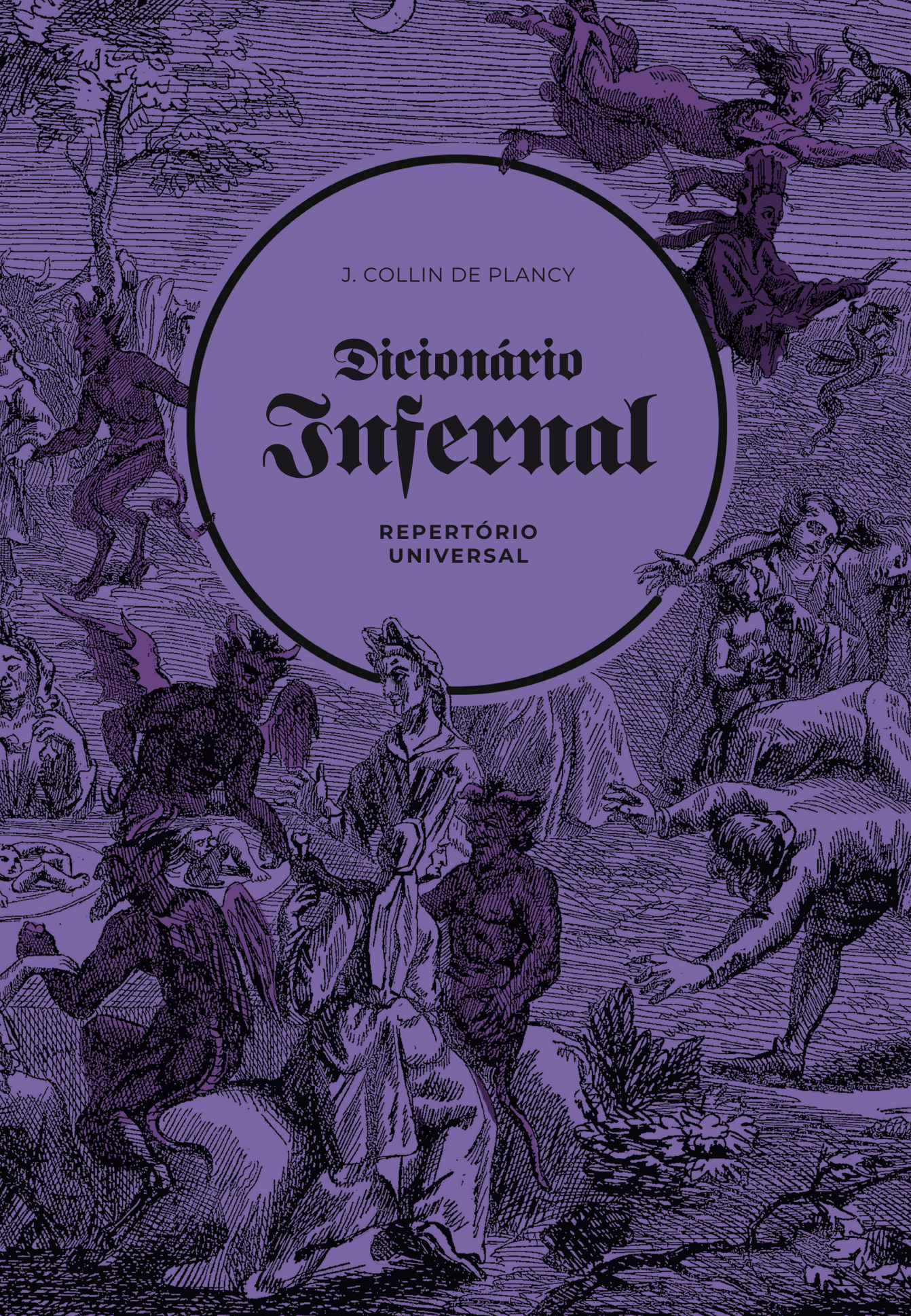


Dicionário Infernal



J. COLLIN DE PLANCY

Dicionário Infernal

REPERTÓRIO
UNIVERSAL

Dicionário Infernal



Dicionário Infernal



Repertório Universal

Dos seres, dos personagens, dos livros, dos fatos e das coisas que concernem aos espíritos, aos demônios, aos bruxos, ao comércio do inferno, às adivinhações, aos malefícios, à cabala e às outras ciências ocultas, aos prodígios, às imposturas, às superstições diversas e aos prognósticos, aos fatos atuais do espiritismo, e de modo geral a todas as falsas crenças fantasiosas, surpreendentes, misteriosas e sobrenaturais por

J. Collin de Plancy

Sexta edição, acrescida de oitocentos novos verbetes e ilustrada com 550 gravuras, dentre as quais os retratos de 72 demônios, desenhados pelo sr. Louis Le Breton, segundo os documentos formais.

Tradução
Angela Gasperin Martinazzo

DICIONÁRIO INFERNAL: UM PANORAMA

Na pesquisa relacionada aos ramos do saber ligados à literatura esotérica e ao ocultismo – e, por que não, ligados à história da ciência e à “alta literatura” – não é difícil perceber que algumas obras resistem à passagem do tempo e mesmo ao progresso das ciências que vimos experimentando desde o Iluminismo.

É esse o caso deste *Dicionário Infernal*, compilação de lendas, crenças e superstições, segundo o modelo das grandes obras do enciclopédismo francês. Converteu-se em obra de referência para a literatura universal, fundamental para o estudo do ocultismo, da etnografia e das tradições populares, à qual recorreram “muitos estudiosos das crenças populares e muitos escritores como fonte de inspiração para seus relatos, romances e artigos” (Castro, 2014, p. 759). Entre os notáveis que utilizaram o *Dicionário* como fonte, destacam-se sobretudo Victor Hugo e Charles Nodier (Baskin, 1965, Juin, 1963 e Moore, 1942).

Para ilustrar a “atualidade” dessa obra insólita, Marie-Charlotte Delmas relata que, entre os argumentos de pesquisa mais comuns nos mecanismos de busca, basta digitar “Collin de Plancy” para obter como resultado várias páginas que retomam ou evocam esse autor e sua *magnum opus*, o *Dicionário Infernal*, espécie de grimório a respeito do qual há interpretações e comentários às vezes muito distantes da intenção original de seu autor, transformado em uma espécie de “papa” do ocultismo (Delmas, 2010, p. 5).

Encontramos ainda páginas de tendência gótica, esotérica, fantástica, de RPG e outras relacionadas a vampiros, demônios, bruxaria, seres sobrenaturais e ao ocultismo, cujo conteúdo é frequentemente extraído, de forma direta ou indireta, de uma das seis edições (atualizadas, modificadas, ampliadas) dessa obra, publicadas de formas diversas entre 1818 e 1863.

Entre os argumentos de pesquisa em língua portuguesa, “dicionário infernal em português” aparece como sugestão automática de busca, indicando haver interesse dos leitores de língua portuguesa por uma tradução da obra.

CONTEXTO HISTÓRICO

A vida e a obra de Collin de Plancy são marcadas pelas grandes transformações pelas quais a França passava à época. Nascido poucos anos após a Revolução Francesa, seus anos como tipógrafo/editor de livros e livre pensador foram também os anos da ascensão e queda do Império Napoleônico, a Restauração, as Revoluções de 1830 e 1848, a Segunda República e o Segundo Império.

No auge de sua produção livresca, as luzes do século de Voltaire, Rousseau e dos enciclopedistas davam lugar gradativamente à predileção pelo irracional típica do Romantismo – ainda

que seja mais adequado falar em nuances entre essas duas tendências antagônicas do que traçar fronteiras claras e marcos temporais. Hubert Juin, no prefácio a uma edição condensada do *Dicionário Infernal*, contextualiza:

O Romantismo, mais exatamente a dita escola “frenética” estava nascendo: [...] A virtude pregada pelos grandes revolucionários de [17]89 cede lentamente aos vícios da Regência, reencontrados de súbito após o Termidor e repercutidos com os *flonflons* de Offenbach. O Segundo Império trouxe a crença na Providência, pois havia no trono um homem providencial, mas era evidente o retrocesso do domínio diabólico: estávamos muito preocupados com ferrovias para nos deixarmos levar pelos charmes ou terrores da superstição. É nessa encruzilhada que o Diabo fez seu ninho (Juin, 1963, p. 1).

Ao tempo em que a Idade das Luzes dava lugar ao Positivismo e a sociedade da época se maravilhava diante dos avanços científicos, as histórias de bruxaria, fantasmas aterrorizantes e eventos monstruosos obtinham sucesso popular. Quer motivado por um espírito genuíno de pesquisador em busca da verdade, quer apenas impulsionado pelo dinheiro que viria a ganhar com o sucesso de suas obras, o fato é que Collin de Plancy soube como ninguém captar o espírito de seu tempo e compreender o gosto de seu público, oferecendo-lhe obras que tratavam do insólito e do oculto:

A predileção de Collin de Plancy pelo irracional, pelo tormentoso e pelo patético dão a ele um lugar na gênese de uma das fases do Romantismo [...] O maior feito do Romantismo foi ter servido de fonte para grandes movimentos literários nos dois últimos séculos. Alguns dos que contribuíram para a emergência do Romantismo obtiveram fama, alguns foram esquecidos. Collin de Plancy, apesar de sua vasta produção, poderia ter sido esquecido se não fosse pela obra que permanece seu monumento duradouro [*enduring monument*] (Baskin, 1965, pp. 5-7).

O AUTOR

Com o passar do tempo, o nome Collin de Plancy ficou de tal forma associado a seu dicionário, que hoje mal se recordam as centenas de outras obras que ele escreveu, traduziu e adaptou. Segundo Marie-Charlotte Delmas, no prefácio de uma edição de 2010 da obra, “mesmo pesquisando bem, não se encontra nenhuma biografia completa desse compilador erudito que passou a vida a causar agitação e se dissimulou sob uma vintena de pseudônimos”. Segundo a autora, os prefácios e notas dos bibliógrafos, em princípio documentados, do século XIX, fornecem elementos sucintos e frequentemente contraditórios, a começar pela data de nascimento de Collin de Plancy.

Jacques Collin nasceu em 30 de janeiro de 1793 ou 1794 em Plancy, no departamento de Aube, nordeste da França. Era filho de Edmé-Aubin Collin, um fabricante de meias, e Marie-Anne Danton, a quem se atribui um parentesco com Georges Jacques Danton¹. Jacques-Auguste-Simon ou Jacques-Albin-Simon (entre vários outros pseudônimos) adicionou o nome de sua cidade natal a seu nome de família (Collin) e seus prenomes (J. A. S.), “para se

¹ Essas informações biográficas e as ocorrências de pseudônimos podem ser encontradas na página da Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <http://data.bnf.fr/11897340/jacques-albin-simon_collin_de_plancy/#other-ressources>. Acesso em: 13 out. 2018.

distinguir” – enobrecimento que se deve muito mais à fantasia do que à tentativa de agradar ao regime novo regime à época, o da Restauração (Delmas, 2010, p. 6).

Após concluir seus estudos em Troyes, o livre pensador influenciado por Voltaire se estabeleceu em Paris em 1812, onde exerceu o ofício de livreiro e editor, e se casou com sua prima Marie-Clotilde Paban (nascida em Paris em 1790), também autora e tradutora de diversas obras. Tornou-se autor de vários livros – dentre os quais se encontram dicionários de diversos temas, como um dicionário feudal em dois volumes e um dicionário crítico de relíquias e de imagens milagrosas em três volumes.

Adquiriu uma livraria em 1821 no *boulevard* Montmartre e se estabeleceu sem certificado de livreiro, segundo informações da Biblioteca Nacional da França². Também assumiu a gerência da sociedade de tradução fundada, entre outros, pelos famosos banqueiros Jacques Laffitte e Casimir-Perier, opositores ao regime de então e que viriam a fazer parte do governo da França após a revolução de 1830. Mas a empreitada não durou muito e ele teve de fechar o estabelecimento (Delmas, 2010, p. 8).

Nessa época, suas obras causavam incômodo aos poderes vigentes, sobretudo o dicionário feudal e o dicionário crítico de relíquias. Seus livros foram incluídos no *Index Librorum Prohibitorum* de Roma de 1827, obrigando o autor a comparecer a tribunais civis.

Após diversas especulações imobiliárias e dificuldades financeiras, instalou-se na Bélgica no ano da revolução, em 1830. Continuou ativo intelectualmente, contribuiu com jornais belgas (*L'Émancipation*, *Le Constitutionnel des Flandres*) e publicou obras sobre esse país. Segundo Delmas (2010, p. 9), “funda a *Revue de Bruxelles* e a *Société de propagation des bons livres*, contribui para a abertura de uma escola de gravura e participa da criação de uma sociedade de belas-artes cujo modelo será retomado na Holanda”.

Só retornou a Paris em 1837, mas foi durante seus anos em terras holandesas que se reconverteu ao catolicismo, tornando pública sua retratação, reproduzida em vários jornais da época:

[...] Creio que devo anunciar em público esta notícia, tão alegre para mim, a todos que me viram, durante tantos anos, incrédulo, ímpio, vivendo no esquecimento de Deus, desviado de mim mesmo e desviando os outros. Esta revolução, que se operou em mim, eu devo anunciar sobretudo àqueles que leram os livros condenáveis dos quais sou o autor. Portanto, condeno e rechaço tudo que escrevi contra a fé e os costumes. [...] E rogo a Deus, de todo meu coração, a graça de viver e morrer como cristão digno, na fé da Santa Igreja católica, apostólica, romana, propondo-me a, com a ajuda de Deus, empregar todos os meus esforços para reparar, tanto quanto puder, em meus novos escritos, o mal que causei durante os longos e desvairados anos de meus desvios [...] (Plancy, 1841, p. 1).

A partir de então, e após ter sido recebido pelo papa Gregório XVI, Collin de Plancy não teve mais problemas para publicar suas obras, que agora traziam uma espécie de “censura eclesástica”, ou aprovação episcopal, em seu conteúdo.

2 *Idem*.

Em setembro de 1846 fundou em Plancy a Société de Saint-Victor pour la propagation des bons livres et la formation d'ouvriers chrétiens, dedicando-se à edição de livros religiosos populares. Mais de um milhão e meio de volumes foram publicados por essa *maison* em dez anos, para a qual ele redigiria dezenas de títulos sob diversos pseudônimos (Delmas, 2010, p. 12).

Após a dissolução da Société de Saint-Victor em 1858, retornou a Paris e terminou seus dias como diretor-geral da editora/tipografia Henri Plon, responsável pela publicação da última edição de seu *Dicionário Infernal*. Na *maison* Plon, ele havia planejado encerrar sua carreira com um grande livro sobre a vida dos santos franceses, mas veio a falecer antes de realizar esse projeto. Assim escreve Émile Socard no obituário por ocasião de sua morte:

Todos os que conheceram Collin de Plancy, em qualquer uma das fases de sua vida, relatarão sua afabilidade, seu entusiasmo em ser prestativo, seu esquecimento de si mesmo em favor dos outros. Foi um homem de bem por sua excelência e por sua memória, como literato e como homem privado, e não fenecerá no país que lhe viu nascer. Suas obras, por fim, erigiram-lhe um monumento duradouro [*monument durable*] na eternidade (Delmas, 2010, p. 12).

O DICIONÁRIO E SUAS EDIÇÕES

O *Dicionário* de Collin de Plancy é uma das principais obras de consulta sobre ocultismo e demonologia, ainda que tenha sido escrita para denunciar as superstições que povoavam a França à época da Restauração. Como afirmou Delmas (2010), essa obra acompanhou o autor, ao longo de suas edições, por boa parte de sua vida:

[...] que ele zombe do diabo ou passe a temê-lo, Collin de Plancy manifesta nele [no *Dicionário*] seu interesse, como o de muitos de seus contemporâneos, em tudo aquilo relacionado ao sobrenatural e ao fantástico. Ele se interessa pelas ciências ocultas, integrando todos os seus avanços em seu dicionário, e coleciona as lendas que viria a coligar mais tarde em uma coleção de pequenos livrinhos (Delmas, 2010, p. 12).

A primeira edição do *Dicionário Infernal* foi publicada em dois volumes em 1818 pelo editor parisiense Mongie, e já trazia o conhecido e longo subtítulo que lista os temas capazes de atrair o público. Collin de Plancy iniciou seu dicionário por paratextos que não deixam dúvida a respeito de seu anticlericalismo e de sua filiação à doutrina das luzes, conforme destacou no discurso preliminar da primeira edição: “as luzes, que os grandes filósofos divulgaram em profusão sobre os erros supersticiosos não conseguiram desenraizá-los. Elas ainda tiranizam a imensa maioria dos homens” (Delmas, 2010, p. 6).

Na reimpressão de 2010 da primeira edição da obra, Delmas afirma que o projeto de Collin de Plancy, conforme expresso em seu prefácio de 1818, é particularmente ambicioso, pois existem dicionários de mitologia clássica, mas nenhuma obra, nem mesmo a famosa *Encyclopédie* de Diderot, se ateve a essa mitologia moderna que são as superstições.

Baseou grande parte dessa obra em cerca de trinta livros, ricos em citações e anedotas, amplamente citados ao longo do dicionário, como *De la démonomanie des sorciers*, de Jean Bodin; *Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons [...]*, de Pierre Delancre; *Discours et Histoire des spectres ou apparitions et visions d'esprits, d'anges et des démons [...]*, de Pierre Le Loyer, entre vários outros. A famosa hierarquia infernal foi retirada da *Pseudomonarchia daemon* de Johan Weyer (Wierus).

A primeira edição do *Dicionário* foi bem recebida pelo público, por corresponder aos gostos da época: “Ela abre a porta de um século que será marcado pelo interesse de seus contemporâneos por tudo relacionado ao fantástico e ao ocultismo, temas que serão o cerne da obra de vários autores românticos” (Delmas, 2010, p. 5).

A segunda edição foi publicada em quatro volumes, também por Mongie, em 1825 e 1826. Trazia ao fim do primeiro tomo uma série de litogravuras, pequenas modificações no longo subtítulo e um aviso do autor de que a edição anterior se tratava de um “ensaio muito fraco e imperfeito de um jovem autor”. Explicava ao leitor que “novas pesquisas e oito anos de trabalho constante melhoraram bastante esta obra. Foi preciso retocar, corrigir inúmeras passagens inexatas, suprimir excessos e inutilidades” (Delmas, 2010, p. 8).

Ainda segundo Delmas, foram acrescentados 250 verbetes (*articles*), mas “o mais importante de seu trabalho consistiu em editar os longos capítulos da versão de 1818 e distribuir os elementos em novas entradas”, o que corresponde à expressão “totalmente reformulada” na folha de rosto da segunda edição. Mesmo a introdução é uma retomada daquela da edição anterior, o que demonstra que, com sua intensa atividade editorial à época, Collin de Plancy teve pouco tempo para se dedicar a esse paratexto.

Em carta datada de 14 de junho de 1843 à editora dos irmãos Périsse, a quem propôs uma nova edição do *Dicionário*, o autor confessou que a segunda edição havia sido “grandemente negligenciada” e que trazia “inutilidades, alongamentos e artigos repetidos” (Delmas, 2010, p. 8).

Foi envolvido pelo espírito de sua conversão que Collin de Plancy trabalhou na terceira edição, publicada em apenas um volume em Paris, pela *maison* Millier, e em Lyon, pela Guyot, ambas em 1844. Ela traz praticamente os mesmos títulos e subtítulos que as edições anteriores, exceto por alguns detalhes: “alguns termos como ‘demônios’ e ‘feiticeiros’, que haviam desaparecido na segunda edição, aparecem novamente; as ‘ciências secretas’ se tornam ‘ciências ocultas’ e as ‘crenças’ se tornam ‘falsas crenças’” (Delmas, 2010, p. 8). Devidamente aprovada pelo arcebispo de Paris, essa edição também é anunciada com “250 novos verbetes” e seu prefácio em muito se assemelha ao das edições anteriores, incluindo parágrafos e exemplos idênticos, apesar da “virada” ideológica do autor.

Collin de Plancy chegou mesmo a “queimar seus antigos amores”, ao fustigar os filósofos das Luzes que ele tanto havia admirado, e também passou a se desculpar pelas edições anteriores de seu *Dicionário*:

O autor deste livro, nas primeiras edições que fez, caiu ele próprio de maneira deplorável nos desvios que aqui condena. Levado para longe do seio da Igreja, centro único da verdade, ele se desviou pelos caminhos de uma filosofia mentirosa e semeou seus escritos cheios de erros, que detesta e desaprova. De retorno à Igreja romana por uma graça da bondade de Deus, da qual não era digno, pôde reconhecer que somente a Igreja tem os meios de combater eficazmente, como tem sempre combatido, os desvios supersticiosos e os reveses absurdos da imaginação (Delmas, 2010, p. 8).

Nesse sentido, os verbetes da terceira edição não foram revisados, exceto pela correção de datas, nomes e “retificação” daqueles que contrariavam o cristianismo. O autor substituiu comentários mordazes e traços de humor por comentários religiosos, sem perder a oportunidade de se referir aos protestantes. Retira também anedotas passíveis de ridicularizar os papas ou enaltecer os filósofos, ainda que não tenha feito uma releitura sistemática.

Tanto a terceira como a quarta e a quinta edições do *Dicionário* foram publicadas em Paris aproximadamente entre 1845 e 1853 sem grandes modificações notáveis, tendo “muito menor interesse bibliográfico, já que são menores em extensão, um só volume, e foram profundamente reformadas e ‘abençoadas’ de acordo com o poder eclesiástico” (Castro, 2014, p. 763). A sexta e última edição foi publicada em 1863 pela *maison* Henri Plon e incluiu até mesmo um “selo” de aprovação do arcebispo de Arras, Boulogne e Saint-Omer de que não continha nada que pudesse ferir a fé e os costumes.

Apresentada como uma edição completamente reformulada graças à introdução de “oitocentos novos verbetes” e de “550 figuras”, trouxe como novidade as famosas 69 gravuras de Louis Breton. Gravadas por M. Jarrault, representavam os demônios da hierarquia infernal como eram descritos nos antigos grimórios medievais (Castro, 2014, p. 763), tornando a obra ainda mais conhecida.

Tais figuras foram tiradas em grande parte dos “fundos [de arquivo] iconográficos do editor e, em grande parte, já figuravam nas edições sucessivas do *Almanaque prophétique, pittoresque et utile...* na qual foram inseridos igualmente os demônios criados por Louis Breton, que são o deleite das páginas na internet” (Delmas, 2010, p. 12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmou Wade Baskin na introdução à sua tradução condensada do *Dicionário Infernal*,

De acordo com a definição de Stendhal de Romantismo como qualquer coisa escrita para agradar seus contemporâneos, Jacques-Albin-Simon Collin de Plancy deve ser listado entre os grandes escritores de sua época [...] A maneira mais precisa de mensurar seu sucesso é o fato de os leitores esgotarem edição após edição de sua obra (Baskin, 1965, p. 5).

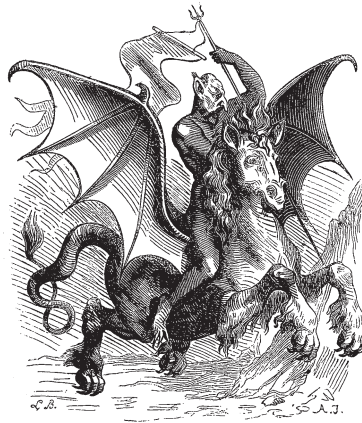
As sucessivas modificações de cada uma das edições são um reflexo da própria trajetória do autor, entre a razão e a fé, revelando aspectos significativos da mentalidade europeia. Influenciado por Voltaire no início de sua carreira livreira e católico reconvertido no fim, Collin de Plancy representa, de certa forma, os dilemas do homem da ciência e das letras no século XIX, na transição entre o Iluminismo e o Romantismo.

Seja por seu inquestionável valor antropológico, seja pela avidez dos leitores em consumir as várias edições da obra, o trabalho hercúleo de compilação executado por Collin de Plancy tem resistido ao teste do tempo – e é também nesse espírito, portanto, que o *Dicionário Infernal* pode ser recebido e compreendido nos dias de hoje.

Ana Alethéa de Melo Cesar Osório
Universidade de Brasília

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASKIN, Wade. Translator's introduction. In: PLANCY, Jacques Collin de. *Dictionary of Demonology*. Edited and translated by Wade Baskin. New York, Philosophical Library, 1965.
- CASTRO, Francisco. "Cunqueiro e o *Dicionário Infernal* de Collin de Plancy". In: FORCADELA, Manuel; LÓPEZ, Teresa; VILAVEDRA, Dolores (coords.). *Mil e un Cunqueiros: Novas Olladas para un Centenario*. Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, 2014, pp. 753-784. Disponível em: <http://consellodacultura.gal/mediateca/extras/2011Cunqueiro_FranciscoCastro.pdf>. Acesso em: 13 out. 2018.
- DELMAS, Marie-Charlotte. Présentation. In: PLANCY, Jacques Collin de. *Dictionnaire Infernal: recherches et anecdotes sur les demons, les esprits, les fantômes, les spectres, les magiciens [...]*. Présentation de Marie-Charlotte Delmas. Paris, Fetjaine, 2010.
- JUIN, Hubert. Préface. In: PLANCY, Jacques Collin de. *Dictionnaire Infernal ou bibliothèque universelle [...]*. Préface de Hubert Juin. Paris, Le Livre Club du Libraire, 1963.
- MOORE, Olin H. "How Victor Hugo Created the Characters of Notre-Dame de Paris". *PMLA*, New York, v. 57, n. 1, pp. 255-274, mar. 1942. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/458819>>. Acesso em: 13 out. 2018.
- PLANCY, Jacques Collin de. Retractation de M. Collin de Plancy. *L'ami de la religion et du roi: journal ecclésiastique, politique et littéraire*, tome cent-onzième, Paris, n. 3497, pp. 1-2 out. 1841. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=1qABXrZcl3wC>>. Acesso em: 13 out. 2018.



NOTA À TRADUÇÃO

Jacques Albin Simon Collin de Plancy (1793-1881) foi escritor, demonólogo e ocultista francês. Produziu uma miríade de livros sobre as ciências ocultas, a hierarquia dos demônios, as lendas religiosas e as tradições populares. No *Dicionário Infernal*, compilou e sistematizou seu extenso conhecimento sobre esses assuntos, no que talvez seja sua maior obra, da qual a presente e última edição, de 1863, é de longe a mais alentada.

A tradução deste livro colocou três desafios centrais. O primeiro, naturalmente, diz respeito à amplitude e, ao mesmo tempo, à especificidade dos assuntos abordados na obra, em que, num vasto universo de crenças, lendas e mitos de todos os tempos e lugares, se esmiúçam histórias insólitas, tradições quase esquecidas e excertos de autores obscuros. Tornou-se imprescindível um esforço de pesquisa para uma apropriação mínima desse imaginário, o que prolongou notavelmente o trabalho de tradução, mas conferiu maior segurança ao navegar pelos temas tratados e despertou a reverência diante do saber entesourado pelo autor.

O segundo desafio refere-se à própria antiguidade da obra, o que impõe a questão linguística de como traduzir o livro – a escolha entre manter as características do texto, no que este pudesse ter de anacrônico, ou atualizar a linguagem. De forma orgânica, procurou-se alcançar um meio termo, acompanhando o desenrolar da narrativa, o estilo do autor e a qualidade por vezes rebuscada da expressão. Apenas nas poucas ocasiões em que a adoção da forma mais literal dificultou a compreensão escorreita do sentido é que se lançou mão de adequações.

Finalmente, o terceiro desafio, crucial para uma obra de referência como um dicionário, foi estabelecer a adequada grafia portuguesa do extenso elenco dos nomes próprios, sobretudo dos demônios, das criaturas mitológicas e dos lugares fabulosos, muitas vezes transcritos de modo variável ou desusado. Nesse sentido, buscou-se atualizar e padronizar, na medida do possível, a ortografia das nomenclaturas, alinhando-as com as formas mais difundidas ou com os achados mais recentes na língua portuguesa, para fins de fácil identificação e consulta. Espera-se, assim, que a presente tradução faça jus à importância da obra, e que ajude a preservar a intenção e a memória de seu autor.

Angela Gasperin Martinazzo

Aarão, mago do Baixo Império, que viveu no tempo do imperador Manuel Comeno. Conta-se que possuía as *Clavículas de Salomão* e que, por meio desse livro, ele mantinha às suas ordens legiões de demônios e praticava a necromancia. Teve os olhos vazados e em seguida cortaram-lhe a língua. Não foi, porém, vítima de um fanatismo qualquer, tendo sido condenado como bandido: encontrou-se em sua casa, entre outras abominações, um cadáver com os pés acorrentados e o coração atravessado por um prego (Nicetas, *Anais*, livro IV).

Abaddon, o Destruidor; chefe dos demônios da sétima hierarquia. É por vezes identificado como o anjo exterminador do Apocalipse.

Abadie (Jeannette d'), moça nascida na vila de Ciboure ou Ciboro, na Gasconha. De Lancre, em seu *Retrato da Inconstância dos Demônios*, conta que Jeannette d'Abadie, em um domingo (13 de setembro de 1609), ao dormir durante a santa missa, foi arrastada ao sabá por um demônio que se aproveitou do momento (embora não se celebrasse o sabá nem no domingo nem nas horas dos santos ofícios, ocasiões que desfavoreciam os demônios). Ela encontrou no sabá grande comitiva; viu que aquele que o presidia tinha duas faces, como Jano; presenciou sapos majestosamente vestidos sendo reverenciados e escandalizou-se com as libertinagens às quais se entregavam as feiticeiras. De resto, nada fez de criminoso e foi devolvida ao lugar de onde veio pelo mesmo meio de transporte que a havia arrebatado. Despertou, então, e recuperou a pequena relíquia que o diabo tivera a precaução de retirar de seu pescoço antes de levá-la. Ao que parece, o bom pároco a quem ela confessou sua aventura tentou ajudá-la, em vão, a compreender os riscos que correrá; a moça retornou ao sabá e realizou sem escrúpulos tudo o que Satã ou seus representantes aconselharam-na a fazer, dizendo a si própria que não seria responsável por fazer o mal que lhe havia sido prescrito. Ver *Sabá*, *Balcoin*, *Lobisomem* etc.

Abalam, príncipe do inferno, muito pouco conhecido. Pertence ao séquito de Paimon. Ver este último.

Abano. Ver *Pedro de Abano*.

Abaris, sumo-sacerdote de Apolo, que lhe ofertou a flecha de ouro sobre a qual ele cavalgava pelos ares com a rapidez de um pássaro; isso fez com que os gregos lhe chamassem o Aeróbata. Diz-se que foi mestre de Pitágoras, o qual lhe roubou a flecha, no que se deve identificar alguma espécie de alegoria. Acrescenta-se, ainda, que Abaris predizia o futuro, apaziguava as tempestades, expulsava a peste; conta-se mesmo que, por meio de ciências mágicas, havia descoberto a arte de viver sem beber nem comer. Com os ossos de Pélope, fabricou uma imagem de Minerva, que vendeu aos troianos como um talismã caído do céu: é o Paládio, que gozava da reputação de tornar inexpugnável a cidade onde se encontrasse.

Abdel (Abraão), chamado comumente Schoenewald (Beauchamp), pregador em Custrin durante a Marcha de Brandemburgo; imprimiu em Thann, em 1572, o *Livro da Palavra Selada*, no qual apresentou cálculos para descobrir quem é o Anticristo e em que época ele deve aparecer. Esse método consiste em tomar ao acaso uma passagem do profeta Daniel ou do Apocalipse, e dar a cada letra, de *a* a *z*, seu valor numérico. *A* vale 1, *b* vale 2, *c* vale 3, e assim por diante. Abdel declara que o Anticristo é o papa Leão X. Ele descobriu, do mesmo modo, os nomes dos três anjos pelos quais o Anticristo deve ser revelado. Esses três anjos são Huss, Lutero e certo Noé, que nos é desconhecido.

Abd-el-Azys, ou Abdel Azis, astrólogo árabe do século X, mais conhecido na Europa pelo nome de Alcabitio. Seu *Tratado de Astrologia Judiciária* foi traduzido para o latim por João de Sevilha (*Hispalensis*). A edição mais rara desse livro – *Alchabitius, cum Comento* – é a de Veneza, 1503, in-quarto, de 140 páginas.

Abdias da Babilônia. Atribui-se a um escritor com esse nome a história do fantástico combate entre São Pedro e Simão, o Mago. O livro de Abdias foi traduzido por Júlio Africano, sob o título *Historia Certaminis Apostolici*, 1566, in-oitavo.

Abel, filho de Adão. Os sábios muçulmanos dizem que ele possuía 48 pés de altura; é possível que tenham chegado a esse número com base em uma longa elevação de 55 pés

de comprimento, que se encontra perto de Damasco, tida como a tumba de Abel.

Os rabinos escreveram muito sobre Abel. Atribuem a ele um livro de astrologia judiciária que lhe teria sido revelado, e que ele encerrou em uma pedra. Após o Dilúvio, Hermes Trismegisto encontrou a obra: aprendeu nela a arte de fazer talismãs sob a influência das constelações. Esse livro é intitulado *Liber de Virtutibus Planetarum et de Omnibus Rerum Mundanarum Virtutibus*. Ver o tratado *De Essentiis Essentiarum*, que se atribui falsamente a São Tomás de Aquino, parte IV, capítulo II. Ver as *Lendas do Antigo Testamento*.

Abelardo. Mais célebre hoje por suas trágicas desventuras do que por suas obras teológicas, cujos graves erros lhe valeram justamente as censuras de São Bernardo. Morreu em 1142. Vinte anos depois, Heloísa era enterrada no mesmo sepulcro. Conta-se (mas é apenas lenda) que, à sua aproximação, as frias cinzas de Abelardo aqueceram-se subitamente, e ele estendeu os braços para receber aquela que havia sido sua mulher. Os restos de ambos repousavam no Paracleto, em uma preciosa tumba gótica que foi transportada a Paris em 1799 e que se encontra atualmente no cemitério de Père-Lachaise.

Abel de la Rue, chamado o Destruidor, sapateiro e malfeitor preso em 1582, em Coulommiers, queimado como bruxo, mágico, lançador de feitiços, mas principalmente como ladrão e assassino. Ver *Ligadura*.

Abelhas. Era opinião de alguns demonógrafos que se uma bruxa, antes de ser presa, tivesse comido a rainha de um enxame de abelhas, tal manjar lhe daria forças para suportar a tortura sem confessar¹; porém essa descoberta é desprovida de sustentação.

Em certos cantões da Bretanha, acredita-se que as abelhas são sensíveis tanto às alegrias como às dores de seus donos, e que não sobrevivem quando se negligencia sua participação nos acontecimentos que interessam à casa. Aqueles que mantêm tal crença não

deixam de prender à colmeia um pedaço de tecido negro quando há morte em casa, e um pedaço de tecido vermelho, quando há um casamento ou qualquer outra festa².

Os circassianos, em sua religião mesclada de cristianismo, de islamismo e de idolatria, louvavam a Mãe de Deus sob o nome de Merieme ou de Melissa. Eles a veem como a padroeira das abelhas, cuja raça ela salvou ao conservar dentro da manga uma de suas rainhas, em um dia em que o trovão ameaçava exterminar todos os insetos. A renda que os circassianos extraem de suas colmeias explicam seu reconhecimento pelo benefício que as preservou. Solino (Caio Júlio) escreveu que as abelhas não podem viver na Irlanda; se são para lá transportadas, morrem imediatamente; e ao levar-se um pouco da terra daquela ilha para outro país, espalhando-a ao redor das colmeias, as abelhas são forçadas a abandonar o lugar, pois essa terra lhes é mortal. Lê-se a mesma coisa nas *Origens* de Isidoro. “É preciso examinar”, acrescenta por sua vez o padre Lebrun em sua *História Crítica das Superstições*, “de onde poderia vir essa malignidade da terra da Irlanda. Não, basta dizer que se trata de uma invenção, pois na Irlanda encontra-se grande quantidade de abelhas”.

Aben-Ezra. Ver *Masha-Allah*.

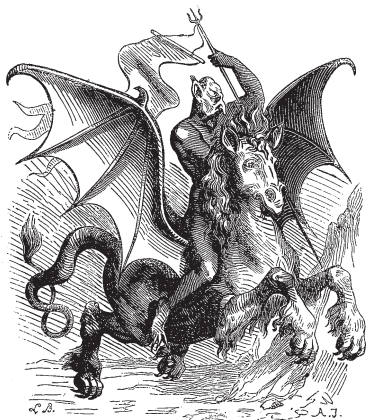
Aben Ragel, astrólogo árabe, nascido em Córdoba em princípios do século V. Deixou um livro de horóscopos, com base na observação das estrelas, traduzido para o latim com o título *De Judiciis seu Fatis Stellarum*, Veneza, 1485, obra rara. Diz-se que suas predições, quando as fazia, destacavam-se por sua considerável exatidão.

Abigor, demônio de ordem superior, grão-duque na monarquia infernal. Sessenta legiões marcham sob suas ordens³. Apresenta-se sob a figura de um belo cavaleiro portando uma lança, um estandarte ou um cetro; domina habilmente tudo o que concerne aos segredos da guerra, conhece o futuro e ensina aos comandantes como se fazerem estimar pelos soldados.

1 Wierus, *De Præstigiis*, livro VI, cap. VII.

2 Cambry, *Voyage dans le Finistère* [Viagem ao Finistério], t. II, p. 46.

3 Wierus, em *Pseudomonarchia Dæm.* etc.



Abigor

Abismo. Nome que se dá, nas Sagradas Escrituras, em primeiro lugar ao inferno, e em segundo, ao caos que precedeu a criação.

Abominações. Ver *Sabá*.

Abraão. Todos conhecem a história desse santo patriarca, registrada nos livros sagrados. Os rabinos e os muçulmanos atribuíram-lhe muitas tradições curiosas, que o leitor poderá encontrar nas *Lendas do Antigo Testamento*.

Os orientais veem em Abraão um sábio astrólogo e um homem assombroso em prodígios. Suidas e Isidoro atribuem-lhe a invenção do alfabeto, que é devida a Adão. Ver *Cadmo*.

Os rabinos têm Abraão como autor de um livro intitulado *Da Explicação dos Sonhos*, livro que José, dizem eles, teria estudado antes de ser vendido por seus irmãos. Considera-se também de sua lavra uma obra intitulada *Iet-zirá*, ou a Criação, que todavia muitos dizem ter sido escrita pelo rabino Akiva. Ver esse nome. Os árabes igualmente possuem esse livro cabalístico, que trata da origem do mundo: eles o chamam Séfer. Diz-se que Vossius, que raciocinava completamente às avessas a esse respeito, espantava-se de não o ver em meio aos livros canônicos. Postel traduziu-o para o latim, e [o livro] foi impresso em Paris no ano de 1552; em Mântua, em 1562, com cinco comentários; e em Amsterdã, em 1642. Nele encontram-se magia e astrologia. “É uma obra cabalística muito antiga e célebre”, diz o dr. Rossi. “Alguns creem ter sido composta por um escriba anteriormente ao Talmude, que já a menciona”. No título da obra consta o nome de Abraão; mas acrescentemos haver quem a julgue escrita pelo próprio Adão.

Abacadabra. Com essa celeberrima palavra de encantamento, fazia-se, sobretudo na Pérsia e na Síria, uma figura mágica à qual se atribuía o dom de benzer diversos males e de curar particularmente a febre. Bastava levar em volta do pescoço essa espécie de filactério, escrito na seguinte disposição triangular:

```

A B R A C A D A B R A
A B R A C A D A B R
A B R A C A D A B
A B R A C A D A
A B R A C A D
A B R A C A
A B R A C
A B R A
A B R
A B
A

```

Abracax ou **Abraxas**, um dos deuses de algumas teogonias asiáticas, de cujo nome extraiu-se o filactério abracadabra. Abracax é representado em amuletos com cabeça de galo, pés de dragão e chicote na mão. Os demonógrafos transformaram-no em um demônio, com a cabeça coroadada e pés de serpentes. Os basilidianos, hereges do século X, viam nele seu deus supremo. Por terem descoberto que as sete letras gregas que formavam seu nome resultavam, em grego, no número 365, o mesmo dos dias do ano, eles colocaram sob suas ordens os diversos gênios que presidiam aos 365 céus, aos quais atribuíam 365 virtudes, uma para cada dia. Diziam ainda os basilidianos que Jesus Cristo, Nosso Senhor, nada



LANÇAMENTO 2019

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br